



IV° CPO

A FORMAÇÃO PARA A NOSSA VIDA
Roma, 1981

www.ofmcap.org

© Copyright by:
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini
Via Piemonte, 70
00187 Roma
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710
fax. +39 06 48 28 267
www.ofmcap.org

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap
info@ofmcap.org
Roma, A.D. 2016

Sommario

IV° CONSELHO PLENÁRIO DA ORDEM A FORMAÇÃO PARA A NOSSA VIDA Roma, 1981	5
Apresentação	5
A FORMAÇÃO PARA A NOSSA VIDA	7
Capítulo I° SITUAÇÕES E EXIGÊNCIAS	8
1 - NOVOS CONTEXTOS DA FORMAÇÃO	8
2 - PRIMADO DA VIDA FRATERNA EVANGÉLICA	10
3 - ACULTURAÇÃO	13
4 - PRINCÍPIOS GERAIS DE AÇÃO	16
Capítulo II° ALGUNS ELEMENTOS ESPECÍFICOS	18
ALGUNS ELEMENTOS QUE CARACTERIZAM NOSSA VOCAÇÃO E FORMAÇÃO	18
1 - FRATERNIDADE ORANTE	19
2 - FRATERNIDADE PENITENTE	20
3 - FRATERNIDADE POBRE E MINORÍTICA	22
4 - FRATERNIDADE INSERIDA NO MEIO DO POVO	23
A - INSERÇÃO NO POVO	23
B - TESTEMUNHO E SERVIÇO	24
5 - MATURIDADE AFETIVA	26
Capítulo III° ORIENTAÇÕES PRÁTICAS	29
1 - ORIENTAÇÃO VOCACIONAL	29
2 - ETAPAS DA FORMAÇÃO INICIAL	30
O POSTULANTADO	31
O NOVICIADO	31
O PÓS-NOVICIADO	32
3 - AFORMAÇÃO PERMANENTE	33
4 - OS RESPONSÁVEIS PELA FORMAÇÃO	37
CONCLUSÃO	40

IV° CONSELHO PLENÁRIO DA ORDEM A FORMAÇÃO PARA A NOSSA VIDA Roma, 1981

Apresentação

Irmãos

Os CPOs de Quito, de Taizé e de Mattli resumiram o resultado do seu trabalho em documentos que deram orientações para aspectos importantes de nossa vida. Assumindo a responsabilidade de publicar este Documento do IV CPO, realizado em Roma em nosso Colégio Internacional de 02 a 31 de março de 1981, o Definitório Geral deseja vivamente que ele seja acolhido e estudado com a mesma vontade de colocá-lo em prática.

É verdade que até agora todos os CPO formularam sua reflexão em um documento destinado a ser difundido e a servir de instrumento de trabalho para a devida renovação de nossa vida, mas isso não é um fato obrigatório. Pode ser que um próximo CPO não adote esse método de trabalho e que, por exemplo, apenas forneça ao Definitório Geral elementos de reflexão e orientações para a ação sem formulá-los em um documento para ser publicado em toda a Ordem.

Esses esclarecimentos nos pareceram oportunos para evitar mal entendidos. O importante é que, como órgão consultivo a serviço do Definitório Geral (Const. 110,6), o CPO demonstra-se precioso. O valor intrínseco dos documentos redigidos durante suas quatro assembleias bem o demonstra.

Também é preciso notar que as duas últimas reuniões do CPO - a de Mattli e a de Roma - distinguem-se porque seu tema de reflexão foi decidido pelo Capítulo Geral (Analecta OFMCap, vo1.92 (1976): 181-182). Essa é, para o Definitório Geral, uma razão a mais para publicar o presente Documento sobre a "Formação" e pedir a todos os frades, e de modo particular às Conferências, aos Superiores Maiores e aos Formadores, que o ponham em prática.

Decidiu também que o documento fosse traduzido nas línguas principais e em latim, mantendo o texto italiano como versão oficial.

De fato o Definitório Geral acredita que este Documento reflete fielmente o espírito e as prescrições das Constituições. É claro que não é completo. Não diz nada, por exemplo, sobre a formação sacerdotal ou profissional dos frades; limitou-se voluntariamente à formação inicial e permanente para a nossa vida franciscana e capuchinha. Tem lacunas importantes mesmo nesse campo mais restrito. Não trata explicitamente da obediência, por exemplo. E também não houve a ambição de dizer tudo mesmo sobre os temas que foram tratados.

O CPO tinha consciência de que muitas questões continuavam abertas; pediu que ao menos as mais importantes e mais urgentes encontrem sem demora uma solução. Essas questões prioritárias são:

- Os secretariados de formação (na Ordem, nas Conferências, nas nações e nas províncias).

- Os centros regionais de formação. com especial atenção para a formação de formadores, cuja falta é cruelmente sentida em toda parte;

- Os meios de formação: publicações diversas a respeito da formação inicial e permanente, etc.; e em primeiro lugar a publicação de um manual de história e espiritualidade franciscano-capuchinha.

O Definitório Geral pede portanto às Conferências e às Províncias que cuidem ativamente desses organismos (Secretariados e Centros de formação) para que sejam verdadeiramente eficazes. Que façam também um intercâmbio de meios e de experiências de formação.

A publicação deste Documento também nos dá oportunidade para chamar a atenção de todos os irmãos para uma questão aguda da Igreja de hoje: qual o lugar e qual o papel do carisma religioso na Igreja e particularmente em sua atividade pastora! e apostólica, atividade da Igreja através de todos os seus membros e de todas as suas instituições para revelar aos homens a salvação em Jesus Cristo. Não somos os únicos a redescobrir a força evangelizadora própria de nosso carisma. Todos os Institutos religiosos estão fazendo um estudo parecido. E, na medida em que se intensificam as comunicações entre os Institutos religiosos, percebe-se que há na Igreja um "carisma religioso" fundamentalmente igual através da grande variedade de suas expressões. Devemos estar atentos para essa busca universal do lugar e do significado do carisma religioso da Igreja, dando a nossa modesta contribuição.

Falar do "carisma franciscano" não exprime portanto toda a nossa vocação. Prova disso é que o compartilhamos com a Ordem Franciscana "secular". Somos instados a determinar cada dia melhor nosso carisma religioso franciscano e capuchinho. Assim contribuiremos tanto para a busca que se faz na Igreja universal como para a da grande família franciscana.

Por isso a publicação do Documento sobre a Formação não é um ponto de chegada um ponto final. É antes uma nova partida para aplicar, na formação, as dimensões fundamentais de nossa vida religiosa franciscana e capuchinha. Enfrentemos essa partida com generosidade e coragem!

Fraternalmente, no Senhor Jesus Cristo e em São Francisco.

Frei Pascoal Rywalski,
Ministro Geral OFM Cap

Frei Carlos Serignat, OFM.CAP.
Secretário do IV CPO

A FORMAÇÃO PARA A NOSSA VIDA

A formação em nossa vida e para nossa vida é entendida como uma promoção realista de cada um dos frades e das fraternidades para que nossa existência tome-se cada vez mais adequada, na situação hodierna, à forma do Santo Evangelho.

O modelo básico dessa formação é apresentado por Jesus, Mestre que propõe aos seus discípulos que permaneçam com ele e continuem sua missão (Cfr. Mc 3, 14s), praticado por São Francisco, relido na história da Ordem e na reforma capuchinha, e proposto a nós.

A formação compreende todas as dimensões do intelecto do querer e do agir. O crescimento e o amadurecimento dessas dimensões são feitos através da experiência, principalmente da fé e da oração, a instrução e o trabalho.

Ainda que a formação tenha etapas a serem percorridas, é um processo único de crescimento, assimilação e integração de valores e de experiências, da mesma forma que é uma conversão contínua para que, animados pelo Espírito, nos conformemos à imagem do Filho de Deus.

ESCOPO DESTAS ORIENTAÇÕES

2. Este subsídio, fruto da colaboração de todos os frades, quer ser uma resposta qualificada às esperanças da Ordem no campo da formação.

Não quisemos tratar de todos os temas de forma exaustiva. Procuramos apenas propor indicações concretas para a linha que deve ser dada para a formação na Ordem.

Os resultados do CPO não são apresentados sistematicamente mas do modo que, de fato, usamos para trabalhar. Esperamos que uma apresentação deste tipo possa transmitir melhor os estímulos e impulsos que surgiram durante nossa reunião, servindo de base e ponto de referência para os programas regionais de formação.

Capítulo I° SITUAÇÕES E EXIGÊNCIAS

1 - NOVOS CONTEXTOS DA FORMAÇÃO

NOTA INTRODUTÓRIA

3. A formação é um processo que se desenvolve em um contexto histórico cultural concreto. Não se podem elaborar planos válidos de formação sem referência ao mundo em que vivem a comunidade formadora e o sujeito em formação.

O Conselho Plenário fez uma longa e frutuosa troca de idéias quanto à situação da formação da Ordem e procurou situar cada tema em seu contexto. Os temas que emergiram e muitas das afirmações do presente Documento querem ser w:na resposta aos desafios da realidade de hoje. A complexidade dos dados, a diversidade dos contextos e as diferentes maneiras de leitura e interpretação levaram-nos a desistir da tentativa de um exame completo da realidade atual.

Mas queremos sublinhar a importância da análise que vem a seguir, ainda que seja parcial, na esperança de que os irmãos se sintam estimulados a tomar a peito o problema da formação como parte central da renovação espiritual da Ordem.

EDUCAR HOMENS PARA A VIDA EVANGÉLICA

4. "São Francisco conheceu, por divina inspiração, que tinha sido mandado para reformar os homens por uma vida nova. Por isso, iniciando w:na nova forma de vida evangélica, permaneceu no mundo embora ele mesmo já não fosse do mundo, e quis que também sua fraternidade vivesse e agisse entre os homens, para testemunhar a alegre mensagem da conversão evangélica por palavras e por obras" (Const. 85).

Por conseguinte, o objetivo da formação é educar pessoas que sejam capazes de viver a vida evangélica em nosso mundo.

A IGREJA

5. Cristo enviou a Igreja ao mundo como ele mesmo tinha sido enviado ao mundo pelo Pai (cfr. Jo 17). O Concilio Vaticano II refletiu longamente sobre essa "missão". Numerosos documentos apresentam essas reflexões, especialmente a "Gaudium et Spes". Indicamos esses documentos, como também os documentos da Ordem, especialmente os de Quito e Mattli, para uma exposição mais detalhada da situação da Igreja e da Ordem.

Aqui queremos apenas sublinhar alguns aspectos que nos parece especialmente importantes para a formação

A PESSOA HUMANA

6. Hoje em dia, a pessoa humana é ameaçada por todos os lados. O homem corre o perigo de se despersonalizar, perdendo-se na massa, ou de se abandonar diante da massa em um

isolamento desesperado. As ideologias (marxismo, liberalismo, capitalismo, totalitarismo, segurança nacional ...) atentam contra a liberdade do homem, apresentando e executando uma unidade que reduz a humanidade em função de sua própria visão do mundo.

A Igreja, especialmente nos últimos anos, tem convidado os cristãos a promoverem de todas as maneiras e de toda parte a dignidade e o respeito pela pessoa e está empenhada em oferecer sua própria contribuição para a paz e a justiça no mundo.

Para nós, franciscanos capuchinhos, esse esforço pela paz e a liberdade se consubstancia na reafirmação do primado da fraternidade, que nos leva a reconhecer em todos os homens irmãos nossos e a servi-los como tais, mesmo que às vezes tenhamos que renunciar a nossos direitos para sermos coerentes com nossa vocação, que é vocação de penitência, de minoridade e de paz.

É nesse contexto que precisamos formar os "menores". Na simplicidade e na alegria de viver, no serviço mútuo e na "obediência caritativa", na penitência-conversão, através de um amor casto e generoso, temos que formar construtores de uma sociedade humana capaz de liberdade e de senso crítico diante das ideologias dominantes.

A PESSOA EM RELAÇÃO

Estamos assistindo a um desenvolvimento verdadeiramente prodigioso das comunicações e da informática. E podemos compreender bem os lados negativos: superficialidade, condicionamentos psicológicos, ameaça de nivelamento cultural, etc.; mas também vemos como dessa maneira se abre a possibilidade de um conhecimento maior entre os homens, de maior possibilidade e capacidade de encontrar-se, e de um impulso maior para a fraternidade universal.

Assistimos à busca de novos modelos de convivência tanto nas famílias como nas nações. Procuram-se equilíbrios novos entre a Igreja Universal e a igreja local, entre a Ordem e suas Províncias. Há uma evolução para um exercício maior da consciência crítica com relação aos diversos sistemas de agrupamento, o qual, porém, às vezes, leva a uma vontade exasperada de autorrealização pessoal e à perda da identidade social?

O radicalismo evangélico de São Francisco apresenta modelos de compromisso que geram e potenciam a liberdade e o senso crítico. Seu ideal de conversão permanente é uma clara expressão da força crítica do Evangelho. E a relação pessoa-comunidade oferece o equilíbrio justo entre a pessoa e a pertença ao grupo.

Esses são, hoje, os estímulos da formação do franciscano.

SECULARIZAÇÃO

8. Hoje o mundo já não é considerado por muitos como uma escada para o céu: tem valor em si mesmo. Por isso muitas vezes a secularização torna-se secularismo, vontade de construir um mundo fechado em si mesmo, sem abertura para o transcendente e em que Deus, mesmo quando tolerado, considera-se como um problema particular. Diante dessa situação, que de resto assume características diversas nas diversas áreas culturais, a Igreja tomou consciência de que a salvação realiza-se no interior da realidade da vida quotidiana, soube purificar sua fé e sua esperança e conquistou um senso mais autêntico da transcendência de Deus e da vida cristã. Por isso a Igreja procura realizar uma nova forma de presença e de ação no mundo fiel ao mandamento evangélico de ser "fermento".

Também aqui deparamos com um desafio para os nossos projetos de formação. Não é à toa que a palavra "fermento" aparece com frequência em nossas constituições quando se fala de nossa presença no mundo, pois somos chamados a ser construtores do amor, da justiça, da paz e da alegria evangélica (20). A formação tem justamente por escopo educar esses construtores, humildes e tenazes.

A ORDEM

9. A Ordem, agora espalhada em todo o mundo, ganhou o valor da pluriformidade. Encontra-se diante de uma situação de mudança e de enriquecimento cultural e geográfico, com todos os problemas conexos.

Províncias com uma longa história, vêem diminuir o número de seus frades e principalmente o dos candidatos. Ao contrário, Províncias jovens, em regiões em que a implantação da Ordem é recente, estão crescendo rapidamente. A própria situação da Ordem está fazendo emergir com toda a clareza, que precisamos de novos e variados estilos de vida e de formação, capazes de responder às exigências culturais e sociais das diferentes regiões. A presença da Ordem em todos os continentes faz sentir a urgência especial de uma identificação maior com o mundo dos pobres e dos oprimidos e dá lugar a uma nova consciência do que quer dizer ser "irmãos menores".

DIVERSIDADE

10. O princípio da pluriformidade nas novas constituições e as mudanças que acarretaram, colocam-nos hoje diante de modelos de vida e de formação bastante diferentes entre si. É difícil fazer uma classificação. Tememos esquematizar uma realidade que é viva e mutável.

No que diz respeito à formação, em algumas Províncias sente-se muito o problema do tipo de fraternidade em que deve ser feita a formação dos candidatos e do seu modo de participação na vida real da província e do papel das casas de formação para uma renovação efetiva da Ordem.

11. Apesar de todas as diferenças, há um acordo profundo em muitos pontos. Prova disso é esse Documento. É a unidade dos motivos essenciais inspiradores da nossa vida. Uma das expressões mais genuínas dessa unidade é a busca feita em comum para dar uma resposta ao chamado para a vida segundo o evangelho, através de releitura de nossas fontes franciscano-capuchinhas.

12. Esta análise dos novos contextos da formação é uma proposta para todas as Províncias e as áreas. Justamente para promover uma vida fiel aos e à inspiração original franciscano-capuchinha, as Províncias ou áreas precisam de um Plano de Formação (*Ratio formationis*) que leve em conta a situação histórica, social, cultural, religiosa, eclesial do sujeito em formação. Só assim os planos serão eficazes para uma genuína formação na Ordem de acordo com os lugares e os tempos.

2 - PRIMADO DA VIDA FRATERNA EVANGÉLICA

VIVER O EVANGELHO NAS PEGADAS DE SÃO FRANCISCO

13. Nos novos contextos que descrevemos, somos muito mais estimulados para viver o Evangelho imitando São Francisco e os primeiros frades da Ordem. O retomo constante às origens, à que a Igreja hoje nos convida, é uma das características da história franciscana e principalmente da Ordem capuchinha. Jamais chegaremos a preencher a diversidade existente entre a nossa vida e de São Francisco; diversidade devida em parte à nossa debilidade e em parte à figura excepcional e santidade de nosso seráfico Pai.

... EM FRATERNIDADE ...

14. Nossa Ordem é uma Ordem de irmãos. A forma de vida que nos propõe é a fraternidade. São Francisco aplicou essa expressão em primeiro lugar ao conjunto da Ordem: "Quero - dizia que esta fraternidade chame-se Ordem dos frades menores". O termo expressa a realidade da Ordem, da Província, da comunidade local.

... RECONHECENDO- NOS FILHOS DE UM MESMO PAI...

15. "Acolhamo-nos mutuamente como irmãos" antes de tudo porque todos nos reconhecemos" filhos de um mesmo Pai em Jesus Cristo mas também porque queremos progredir juntos na comunhão com ele, através da docilidade quotidiana ao Espírito Santo.

centro de nossa fraternidade existe portanto a oração comum, a contemplação assídua de Cristo principalmente nos mistérios de sua Encarnação e de sua Paixão, isto é, aquele "espírito de oração e de devoção" que faz de toda a nossa Vida e de toda a nossa ação uma expressão de amor filial.

... AMANDO-NOS UNS AOS OUTROS

16. Ser irmãos significa amar-nos uns aos outros. Esse amor tem exigências muito concretas, como, por exemplo:

- criar na fraternidade um clima de família, simples e alegre, em que cada irmão possa realizar-se livremente;
- desenvolver a confiança mútua, a compreensão e a estima uns pelos outros;
- manifestar reciprocamente e com simplicidade as nossas necessidades;
- colocar de boa vontade os nossos dons a serviço da fraternidade;
- praticar a obediência caritativa e a correção fraterna em um esforço permanente de conversão;
- amparar-nos nos momentos de dificuldade e de desencorajamento.

Jamais ressaltaremos suficientemente quanto ajudam a dar a nossas fraternidades sua fisionomia evangélica e franciscana os frades que se dedicam aos trabalhos da casa e cuidam de manter um clima de recolhimento, de simplicidade e de alegria.

É justamente por meio dessas atitudes e dessas atividades que a fraternidade constrói-se dia a dia na minoridade. Torna-se o crisol em que se forja a nossa vida evangélica.

EM UNIÃO COM TODA A FAMÍLIA FRANCISCANA

17. Favorecendo tanto o espírito de oração como as relações mútuas, a fraternidade, bem longe de fechar-se em si mesma, abre-se para acolher os outros, especialmente os membros da família franciscana. Constituem um estímulo e uma riqueza especiais tanto para uns como para outros os contactos frequentes e familiares com os irmãos da OFS, justamente porque eles vivem o nosso mesmo carisma de fraternidade e de minoridade, mas em sua dimensão secular. Por isso é bom que as fraternidades, tanto em nível local como Provincial, preocupem-se em organizar atividades comuns junto com os leigos franciscanos: encontro de oração, retiros, congressos, atividades apostólicas... Assim poderemos desenvolver concretamente o intercâmbio vital entre as nossas duas fraternidades.

A FRATERNIDADE COMO TESTEMUNHO

18. O primado da vida fraterna deve ser sublinhado também no campo apostólico. Nossas Constituições afirmam que "o apostolado principal do frade menor é: viver no mundo a vida evangélica na verdade, na simplicidade e na alegria" e que aceitamos "qualquer obra de ministério ou atividade apostólica, contanto que esteja de acordo com nossa forma de vida" (nº141). Por isso devemos, acima de tudo, dar o testemunho de uma vida fraterna, vivida com o povo e pelo povo, com os pobres e pelos pobres.

ÀS VEZES DEBILITADA PELO INDIVIDUALISMO

19. Esse testemunho enfraquece quando os frades, individualmente, dedicam-se de tal maneira às atividades, de caráter ministerial ou de outro tipo, que já não encontram tempo para rezar com os outros, para perceber suas necessidades, para participar na vida da fraternidade e tomar parte nos trabalhos da casa. Os CPOs de Quito e de Taizé já chamaram a atenção para esses desvios.

E PRINCIPALMENTE POR UM ESTILO DE VIDA FALHO

20. O primado da vida fraterna no campo apostólico enfraquece-se ainda mais em algumas províncias ou áreas por causa de um estilo de vida que aí se desenvolveu. Esse modo de viver é organizado em função das exigências do ministério mais do que em função do testemunho de vida fraterna. Encontramo-nos, então, diante de uma comunidade de sacerdotes inspirados pela espiritualidade franciscana mais do que diante de uma fraternidade de frades menores que se esforçam para viver o Evangelho.

É claro que precisamos ver nessa situação uma das causas da constante diminuição das vocações dos irmãos não clérigos. Que é que pode atraí-los ainda, quando vêem nossa vida estruturada quase que exclusivamente em função de uma comunidade de sacerdotes?

Conservar o caráter de fraternidade minorítica da Ordem

21. É evidente que essas constatações não levam de maneira alguma à condenação do ministério sacerdotal, mas mostram que em muitos lugares nós exercemos esse ministério sem discernimento suficiente, correndo o risco de empurrar a Ordem para uma clericalização cada vez maior. Parece que caímos na "armadilha" de nossa própria generosidade, que nos levou a responder às necessidades urgentes das dioceses, sem considerar suficientemente o caráter próprio de nossa vocação de frades menores. Se quisermos conservar esse caráter que é próprio da Ordem necessitamos absolutamente de uma presença consistente de irmãos. No

esforço de renovação de nossa vida fraterna reconheçamos que estamos diante desse problema.

CONCLUSÕES PARA A FORMAÇÃO

22. Para conservar e confirmar o primado da vida evangélica fraterna sugerimos os seguintes compromissos:

- Na pastoral vocacional temos que dar a maior importância à vida fraterna entre os pobres como característica de nossa forma de vida e não a uma ou outra atividade, mesmo que se trate da atividade sacerdotal.
- Em cada etapa da formação é preciso insistir nos aspectos essenciais da vida fraterna entre nós comunitária, contemplação, serviço) e também sobre nossa maneira especial de encarnar o Evangelho no através da fraternidade vivida como menores entre os pobres.
- É preciso distinguir claramente a formação para a nossa vida da formação para o sacerdócio ou para uma profissão. Principalmente nos primeiros anos da iniciação, a formação para a nossa vida deve ter prioridade absoluta.
- Como somos uma Ordem de irmãos e "em razão da mesma vocação todos os frades são iguais", a formação para a nossa vida deve ser igual para todos. Também é desejável que, seguindo o modo de se expressar da Regra, do Testamento e das Constituições, nos acostumemos a chamar-nos todos de "irmãos", sem distinção.
- Também pelo fato de São Francisco ter desejado que fôssemos uma Ordem de irmãos, os ofícios a serviço da fraternidade - em nível de Ordem, de Província ou de fraternidade local - devem ser acessíveis a todos os frades.
- É necessário dar a todos a possibilidade de um desenvolvimento cultural, humano e espiritual de acordo com as capacidade cada um e em conformidade com a nossa vocação franciscana.
- Precisamos esforçar-nos para encontrar formas novas para os nossos serviços tradicionais na Igreja e no mundo: pregação da palavra de Deus, obra misericórdia, trabalho, formação dos fiéis para a oração contemplativa, etc.

3 - ACULTURAÇÃO

CONTEXTO

23. Nos últimos anos, diversos documentos da Igreja e da Ordem chamaram a atenção para o princípio da pluriformidade (LG 13.17; AG 15.22; GS 44.58.62; Analecta 90 (1974) 304-309). Tais documentos ainda são valiosos e pedem uma reflexão atenta e aplicações convenientes.

Mas existe um problema ligado à pluriformidade, que atualmente precisa ser seriamente considerado, pois constitui uma das mais urgentes prioridades, tanto para a implantação da Ordem quanto para a formação. Se se enfrentarmos esse problema com verdadeira sabedoria poderemos esperar que o único espírito evangélico e franciscano possa encarnar-se na vida dos indivíduos e das diversas culturas. Então a pluriformidade das expressões poderá irradiar em toda parte uma autêntica fraternidade de amor, fraternidade tão desejada por São

Francisco.

Em muitas regiões do mundo a mensagem evangélica encontra-se com culturas antigas e altamente desenvolvidas. Nessas áreas, não pode exercer grande influência. Por outro lado, encontra-se também com um nacionalismo agressivo, que a rejeita como portadora de atitudes indesejáveis e de valores e modos de ser próprios de uma cultura estrangeira. E em todo o mundo encontra-se diante de modelos de cultura em movimento.

Nas nações recentemente independentes são claros uma nova consciência da própria identidade cultural e o desejo de crescer nas formas e nos valores da própria cultura.

Uma nova consciência da legitimidade e da necessidade da aculturação abriu caminho na Igreja principalmente durante e depois do Concílio Vaticano II.

As Igrejas locais em muitas regiões estão bem longe de estar verdadeiramente aculturadas no próprio ambiente. Por diversas razões históricas, prevalece nelas uma atmosfera de medo e de resistência, unida ao complexo de ser minoria. Conseqüentemente, o processo de aculturação encontra-se muitas vezes diante de obstáculos, psicológicos ou sociológicos, que vêm do interior das próprias igrejas locais.

CULTURAS

25. A palavra "cultura" não tem sempre o mesmo significado. Nós, quando falamos de aculturação, usamos a palavra fundamentalmente em sentido sociológico para referir-nos ao complexo de atitudes, valores, instituições, criações artísticas, linguagem, relações humanas e sociais, etc. E o resultado da memória coletiva da história e da herança de um povo, que modificam e são modificadas por seus ideais, necessidades e expectativas, que vão abrindo caminho na realização do próprio destino.

FÉ E CULTURA

26. O Evangelho não está ligado a nenhuma cultura particular e é capaz de permear todas as culturas sem perder nada de sua unicidade como mensagem de salvação. O mesmo devemos dizer dos valores franciscanos essenciais pois fundamentalmente não são senão valores evangélicos.

A aculturação não é apenas uma questão de transplante do Evangelho e da Ordem para uma outra área cultural ou de adaptação a uma outra cultura ou à mudança dos modos de cultura (cfr. EN 20). É muito mais do que isso. A inculturação é a tentativa de fazer nascer de novo o Cristo em uma determinada cultura. Procura transformá-la pelo poder do Espírito do Cristo ressuscitado, que é início de uma nova criação. É a inserção profunda da fé e da Ordem nas realidades socioculturais de hoje. Considerada em termos de Igreja local, a aculturação é a integração da experiência vivida de uma Igreja particular na cultura de um povo particular. Em relação à Ordem, implica a integração da experiência vivida pelo carisma franciscano-capuchinho na cultura de um povo no seio do qual os frades vivem e trabalham.

REALIDADE UNIVERSAL

Mas a aculturação não deve ser entendida apenas como processo pelo qual as "Igrejas jovens" e as nações, de independência recente procuram realizar e viver sua identidade. É um processo que se refere a todos os países e a todas as igrejas, enquanto a cultura não é uma

realidade estática mas uma realidade viva e dinâmica, sujeita a mudanças e a crescimento.

27. As realidades econômicas e sociais exercem uma grande influência sobre a cultura de uma sociedade. A fé deve entrar nos valores, nas normas e nas perspectivas dos projetos econômicos e sociais, colocando-os criticamente em confronto com o Evangelho e purificando-os. Essa exigência vale para qualquer tipo de aculturação.

O motivo e o modelo supremo da aculturação é a encarnação do Verbo. Esse ato único de integração de universalidade e particularidade na pessoa de Cristo deve ser visto como o fundamento de toda aculturação.

A aculturação corresponde plenamente ao espírito e às intenções de São Francisco, que viveu em íntima comunhão com o mistério pascal de Cristo, unido com toda a criação. Ele quer que seus frades observem, onde quer que se encontrem, o santo Evangelho de Nosso' Senhor Jesus Cristo, mas sempre conforme as circunstâncias de tempo e de lugar. Assim a identidade franciscano-capuchinha pode e deve ser vivida em sua inteireza em todas as culturas.

ENRIQUECIMENTO MÚTUO

28 A aculturação leva a um enriquecimento mútuo. Justamente como a Igreja e a Ordem podem ser fatores que enriquecem as culturas, também estas podem ser um enriquecimento para a Igreja e para a Ordem. Algumas culturas têm valores e estilos de vida que são especialmente conformes ao carisma franciscano-capuchinho.

A aculturação não implica apenas a aceitação de valores, de normas, de estilos de vida etc. de uma determinada cultura, mas também uma reavaliação crítica a partir do Evangelho, uma vez que a fé e a Ordem estão inseridas na cultura.

A aculturação requer que, mesmo estando firmemente radicados na própria cultura, estejamos abertos para as riquezas e os valores de outras culturas. Dessa maneira, haverá um contínuo diálogo entre elas, que as tomará férteis e as fará crescer continuamente em um processo criativo.

AS "SUBCULTURAS"

29. É preciso levar em consideração também este fato: que toda cultura é um complexo de "subculturas", que existem uma ao lado da outra até na mesma área. Os intelectuais, os estudantes, os operários, os jovens, a classe média, os pobres, todos têm a sua subcultura, com características, sensibilidades e tensões específicas. Por conseguinte, o conhecimento de uma cultura deve ser adquirido principalmente através de um contacto vivo com ela, com seus modos de ser, seus valores, etc. A mensagem do Evangelho e valores franciscanos poderão atingir verdadeiramente os diversos grupos ("subculturais") só se souberem realmente enfrentar os desafios que eles representam e responder às suas exigências.

ACULTURAÇÃO E FORMAÇÃO

Para procurarmos viver o carisma franciscano-capuchinho, temos que levar em consideração a situação social, econômica, ética do povo em que vivemos e agimos. A aculturação requer solidariedade, principalmente com os pobres e com o povo simples.

A aculturação começa com o povo. Não pode ser ditada do alto. Tem que crescer organicamente desde baixo. A formação também deve encorajar a iniciativa e a liberdade

criadora. Só em uma atmosfera de liberdade e de confiança, sustentada pela fé, a aculturação poderá ter êxito.

Onde ainda existe temor e resistência diante da aculturação, é preciso providenciar um processo de sensibilização e iniciar gradualmente nela o povo e a igreja local. Nesse campo temos que ser capazes de agir com discernimento e sabedoria, mas precisamos ter ao mesmo tempo, como São Francisco, um papel profético a serviço de uma autêntica renovação no Espírito.

30. O agente primário da aculturação é a comunidade viva da igreja local. Por isso: tanto os que estão em fase de formação inicial como os que estão em fase de formação permanente devem identificar-se com as tradições, a espiritualidade, a liturgia, etc. da igreja local. Devem ser conhecedores profundos dos valores e de sua cultura e também impregnados pela experiência de oração e de Deus dos seus "sábios", experiência que constitui a alma autêntica de uma cultura.

Os frades que estão no período de formação inicial não devem ser tirados de seu contexto cultural. Desde o início deve procurar adquirir um conhecimento profundo das atitudes, dos valores, das normas, do estilo de vida, dos modos de pensar e de agir, da linguagem dos símbolos, da arte, da literatura, etc. da própria cultura. E isso principalmente através de uma genuína experiência e um contacto vital com o povo. Devem ser treinados para discernir os valores da própria cultura à luz do evangelho.

Quanto possível, os formadores deveriam ser provenientes e formados no próprio ambiente cultural. Se isso não for possível, devem ser compenetrados de uma caridade autenticamente cristã para com o povo e sua cultura, sentindo-se em solidariedade com ela.

O programa de formação dos frades deveria incluir também um programa coerente de aculturação tanto para os que estão em formação inicial como para os que estão em formação permanente.

Centros franciscanos continentais, regionais e interprovinciais podem ajudar a aculturação, contribuindo para analisar e especificar a própria identidade cultural em termos de realidade étnica, religiosa, social e econômica.

A Ordem em âmbito geral pode exercer um papel importante na promoção e coordenação de um diálogo intercultural, de modo que a variedade de expressões culturais convirja para a autêntica unidade e a universal fraternidade de toda a Ordem. A unidade a que se deve tender é a unidade de fé, de serviço mútuo e de participação, a unidade da verdadeira fraternidade no espírito do Evangelho como foi vivido por São Francisco.

4 - PRINCÍPIOS GERAIS DE AÇÃO

Partindo da prioridade de nossa vida evangélica fraterna e da necessidade de aculturação, podemos estabelecer alguns critérios gerais e algumas diretivas para a nossa formação.

O PRINCÍPIO DA PRIORIDADE DA VIDA EVANGÉLICA

31. O princípio da prioridade de nossa vida evangélica fraterna significa fazer escolhas

radicais segundo o Evangelho vivido por São Francisco em suas várias 4iniensões de oração, de pobreza, minoridade, opção pela paz. Em Virtude deste princípio as decisões serão tomadas de maneira a promover principalmente a vida fraterna comum.

O PRINCÍPIO DA ACULTURAÇÃO

32. O princípio da aculturação requer que nossa vida seja profundamente inserida na realidade sociocultural das diversas regiões. Essa aculturação diz respeito às diversas culturas, com suas características, seus valores e suas esperanças, como também às rápidas mudanças que nelas se sucedem. A diversidade das situações exige a pluriformidade de nossa vida, no sentido em que ela tem que ser vivida em formas correspondentes aos lugares e aos tempos.

O PRINCÍPIO DA PARTICIPAÇÃO

33. O princípio da participação diz que a formação é um fato de crescimento e de amadurecimento se cada um dos frades e a fraternidade superam a tendência de criar um mundo fechado para si mesmos e participam das experiências dos outros. Ninguém pode amadurecer sozinho, todos têm necessidade dos outros. Em um tempo que dá grande importância à auto-realização e contemporaneamente busca novos modelos de convivência, essa abertura aos outros e essa capacidade de participar é fonte de enriquecimento espiritual e cultural, e também serve para superar a contraposição exasperada que às vezes pode encontrar-se no binômio pessoa-instituição. Em virtude desse princípio de participação deve ser favorecida a fraternidade aberta, principalmente para a Ordem franciscana em todos os seus ramos. Essa abertura servirá de estímulo para um aprofundamento e uma melhor realização dos valores franciscanos comuns.

O PRINCÍPIO DA INTEGRAÇÃO

34. Pelo princípio da integração, a formação deve ajudar cada um e as Fraternidades na assimilação dos valores e das experiências. Alguns valores não são fáceis de integrar, como os valores oração-atividade, autorrealização-comunidade, formação intelectual e experiência vivida, etc. Só chegando a fazer uma síntese vital dos valores e das experiências nas diversas fases da vida, o homem realiza sua unidade interior e pode evitar posições desesperadas. Mesmo as renúncias, as livremente escolhidas pelo Evangelho e as que são impostas pela vida, têm que entrar nessa síntese vital.

O PRINCÍPIO DA CONVERSÃO

35. O princípio da conversão permite-nos uma revisão contínua dos modelos de vida à luz do Evangelho. Nas diversas mudanças e na emergência de novos valores só essa consciência crítica pode fazer as escolhas conformes à própria vocação.

Capítulo II°

ALGUNS ELEMENTOS ESPECÍFICOS

ALGUNS ELEMENTOS QUE CARACTERIZAM NOSSA VOCAÇÃO E FORMAÇÃO

36. O Concílio Vaticano II vê a renovação da vida religiosa tanto na volta ao espírito primigênio dos fundadores como em uma sábia adaptação às circunstâncias especiais dos tempos e dos lugares.

Por isso parece oportuno determinar algumas trajetórias, traçadas pela história e abertas ao futuro, por onde possamos levar adiante o trabalho da renovação e da formação em nossa fraternidade:

ORAÇÃO

a) Segundo o exemplo de São Francisco e o ensino da Regra, é necessário antes de tudo compreender que todas as nossas atividades devem servir "ao espírito da santa oração e devoção". com o conseqüente compromisso de recuperar a dimensão contemplativa, que caracterizou a reforma capuchinha e foi a fonte de sua ação apostólica e social.

PENITÊNCIA E POBREZA

b) Na linha da escolha fundamental de São Francisco, guiados pela lei do amor a Cristo, queremos conformar-nos com ele na ascese pessoal e com ele estar mais próximos aos irmãos mais pobres e marginalizados. Daí a urgência, de voltar a uma coerente pobreza evangélica e o convite a todos os irmãos para que procuremos juntos novos caminhos para expressá-la com maior credibilidade para os homens de hoje.

MINORIDADE

c) Diante do orgulho e do arrivismo que perturba a convivência humana, queremos colocar-nos como frades menores no último lugar da sociedade e permanecer como Francisco sempre fiéis e obedientes à Igreja.

INSERÇÃO NO POVO E TESTEMUNHO EVANGÉLICO

d) Como expressão de amor pelo Pai e pelos irmãos (cfr. Const. 146,1), reafirmamos o compromisso de evangelizar os pobres por uma inserção efetiva no meio do povo, pelo testemunho de vida, pela pregação popular, pela atividade missionária e pelo serviço prestado de fato aos mais necessitados entre os homens.

Nessa perspectiva são sublinhados aqui alguns aspectos emergentes da nossa fraternidade em relação à formação.

1 - FRATERNIDADE ORANTE

O DOCUMENTO DE TAIZÉ

37. Depois do CPO de Taizé, houve na Ordem e nas fraternidades um reconfortante caminhar para um aprofundamento da oração, embora restem dificuldades por causa de um excessivo eficientismo no trabalho e por causa de frades que fogem da fraternidade. A realização de fraternidades contemplativas encontrou muitos obstáculos.

Julgamos que a Ordem tem, no Documento de Taizé, um subsídio válido para o espírito e a vida de oração. Por isso, aqui, só damos algumas, indicações que dizem respeito à formação para o espírito e a vida de oração, de modo que ela possa ter aquele primado que lhe cabe de acordo com as palavras e o exemplo de São Francisco e segundo a tradição capuchinha.

Como princípio prático de formação para a oração será necessário refletir muitas vezes sobre o que afirma o Documento de Taizé: "O espírito de oração verdadeiramente vivo não pode deixar de animar e vivificar toda a vida concreta dos frades e, por isso, renova necessariamente as formas tradicionais sadias e cria novas formas aptas".

PARA UM CRESCIMENTO NA ORAÇÃO

38. A oração é um dom de Deus, mas precisa ser desenvolvido pela busca, o estudo e a fidelidade.

Para aprender cada vez mais a orar podem ser úteis estas orientações:

- A participação profunda na liturgia da Igreja seguindo o caminho do ano litúrgico faz-nos viver os grandes mistérios da redenção.
- Uma progressiva introdução na oração bíblica e na atualização da oração bíblica, principalmente dos salmos, transmite-nos um grande senso de Deus e da história da salvação.
- A introdução nas grandes experiências de Deus dos diversos povos e nos métodos de oração tradicionais e novos enriquece nossa maneira de orar. Merecem atenção especial os tesouros de oração das diversas culturas.
- A oração compartilhada com os irmãos e o povo torna-nos conscientes, diante de Deus, de suas ânsias e de suas alegrias.
- A regularidade da oração ajuda a crescer no espírito da própria oração, que precisa de continuidade e de fidelidade para poder desenvolver-se.

ANIMADORES DE ORAÇÃO

39. Para promover o crescimento das fraternidades e de cada um na oração, há diversas exigências de ordem geral.

A própria fraternidade pode exercer seu papel de fraternidade formadora da oração se todos os frades derem sua contribuição, que deve consistir na participação na oração, numa boa preparação dos atos comunitários, na criação de um clima favorável à oração. Formas tradicionais, por exemplo, as vigílias noturnas, poderiam assumir um significado novo. E nessa perspectiva que precisamos resolver também o problema do horário, tanto no que diz respeito às horas marcadas como no que se refere aos tempos fortes de oração.

São necessários, portanto, formadores e responsáveis locais formados na oração e com experiência de oração, que saibam transmitir espírito e vida e promover a criatividade de oração.

FORMAÇÃO PARA A ORAÇÃO FRANCISCANA

40. A formação para a oração franciscana deve ajudar de modo tal que a oração tome-se cada vez mais a expressão de todo o nosso modo de ser, dos nossos valores, da nossa existência concreta individual e comunitária, das exigências do nosso tempo.

Em nossa oração tradicional sempre ocupou o primeiro lugar a oração interior ou mental, pessoal, de caráter afetivo; foi o verdadeiro centro da vida fraterna e apostólica (Taizé 20). Renovar essa espécie de oração, educar para ela os nossos frades e fazer dela o meio de nosso apostolado parece coisa de vital importância. Tanto mais que existe hoje um difuso desejo dessa forma de oração contemplativa, principalmente entre os jovens.

As características da oração Franciscana enquanto oração bíblica, afetiva, contemplativa, penitencial, apontam as direções em que deve mover-se a formação para a escuta da palavra de Deus; formação do coração; desenvolvimento da capacidade de maravilhar-se diante das grandes obras de Deus em toda a criação e na redenção; interesse pelos mistérios da morte e ressurreição de Cristo; formação para descobrir as presenças de Deus e de sua vontade; formação para um espírito universal que ora e vive participando nas alegrias e dores dos irmãos.

Uma formação desse tipo ajudará a encontrar uma solução adequada para o binômio oração-atividade e contribuirá para que o espírito de oração e de devoção inunde toda a vida dos frades.

UMA PEDAGOGIA CONCRETA PARA A ORAÇÃO

Para uma verdadeira e apropriada pedagogia progressiva do espírito e da vida de oração, é preciso respeitar as diversidades das áreas culturais. O programa correspondente deve ser elaborado pelas conferências em colaboração com os centros franciscanos regionais

2 - FRATERNIDADE PENITENTE

REALIDADE E IMPORTÂNCIA DA PENITÊNCIA NA ORDEM

41. Muitas formas tradicionais de penitência perderam-se tanto na prática como no significado. Por outro lado, as indicações concretas das Constituições acerca da penitência não tiveram na prática o efeito desejado. Mas parece muito viva a exigência de encontrar novas formas penitenciais adequadas (cfr. Vida de penitência e de conversão contínua nas condições atuais da Ordem, Capítulo Geral Extraordinário de Roma, 1974). É notável que emerge hoje nas fraternidades com clareza cada vez maior o significado da penitência entendida não só negativamente como renúncia, mas principalmente como conversão.

INTERIORIZAÇÃO DA REALIDADE DA PENITÊNCIA

Percebe-se com maior força e profundidade o sentido do clamor evangélico: "Converti-vos e crede no Evangelho!" A convocação para a penitência e a fé é uma convocação para a ruptura com o mundo (êxodo, conversão) e uma orientação novo para Cristo e o Evangelho, pelo qual estabelecem-se relacionamentos radicalmente novos com Deus, os homens e o mundo. Para nós, isso se traduz na renovação espiritual (mudança de mentalidade) para construir uma fraternidade segundo o Evangelho. Por isso, a penitência está em função do crescimento evangélico da fraternidade, escopo essencial da nossa formação.

PENITÊNCIA INTERIOR E PENITÊNCIA EXTERIOR

A penitência como êxodo e conversão visa essencialmente a atitude interior, mas também deve conseguir expressar-se na vida exterior, naquela maneira de ser que se chama "austeridade" e que certamente caracteriza a nossa identidade. A penitência ou austeridade exterior, complementada por uma caridade delicada e sensível, será alegre: os santos foram sempre austeros consigo mesmos, mas cheios de bondade e de atenção com seus irmãos.

Na prática, a atitude de desapego deve conseguir expressar-se em escolhas e gestos quotidianos que visam tanto cada um como a comunidade e que criam, com a graça de Deus, o "homem novo" e o "mundo novo".

FORMAS CONCRETAS DE PENITÊNCIA

42. Entre as formas concretas que podem ajudar-nos a passar para essa vida nova, apontamos:

- a renúncia a si mesmo para converter-se à vida da fraternidade na prática da obediência caritativa;
- aceitação das propostas de conversão que nos são feitas pela Igreja especialmente nos tempos fortes de renovação;
- a aceitação das formas concretas indicadas pelas Constituições e de modo especial da correção fraterna e do jejum;
- a aceitação alegre das dificuldades e perseguições que nos possam advir de nossa consagração a Deus da pregação do Evangelho, da vontade de realizar a justiça e a paz, etc.
- a aceitação de todas as conseqüências, mesmo penosas e duras, que são conseqüência dos nossos votos, principalmente da obediência;
- a aceitação das dificuldades da vida, do trabalho, das doenças, da alimentação, do clima, etc.;
- a participação na vida dos pobres e o encontro com os atuais "leprosos": os marginalizados e deserdados;
- a busca de novas formas externas adaptadas aos diversos lugares e que demonstrem ao mesmo tempo testemunho e ruptura com o mundo.

ANIMADORES DA PENITÊNCIA

Para fomentar o crescimento da fraternidade da vida evangélica precisamos de homens que saibam animar a renovação. Entre esses agentes é preciso recordar em primeiro lugar a própria fraternidade formadora, o responsável local e o Ministro Provincial, os formadores,

entre os quais destaca-se especialmente o responsável pela direção espiritual, que, adaptando-se às necessidades de cada um, ajuda o crescimento individual.

ITINERÁRIOS DE PENITÊNCIA

Para a efetivação prática, aconselhamos um itinerário penitencial. Isto é: a fraternidade poderia propor para si mesma um caminho de mais intensa penitência-conversão, baseado na palavra de Deus e na experiência franciscana, com aprofundamento da sagrada Escritura, momentos especiais, metas a atingir, etc.

Na Província deveria haver programas detalhados, elaborados por entendidos.

Mas entre todos os itinerários devemos preferir certamente os da vida litúrgica da Igreja e especialmente a quaresma, que é o itinerário penitencial por excelência para atingir a "vida nova" da fé em Cristo ressuscitado.

3 - FRATERNIDADE POBRE E MINORÍTICA

A SITUAÇÃO NO MUNDO E NA ORDEM

43. Encontramos no mundo de hoje uma mentalidade consumista e opulenta contraposta à pobreza, à injustiça e à fome, que requerem um testemunho de pobreza evangélica.

A Igreja quer apresentar-se ao mundo como "Igreja dos pobres", colocando-se a serviço dos homens, principalmente dos marginalizados. Entre os aspectos positivos da Ordem podemos notar muitas manifestações de pobreza caritativa e um uso responsável do dinheiro por parte de muitos frades. Mas é preciso lembrar que a pobreza não consiste apenas na renúncia aos bens materiais, pois também comporta a renúncia ao poder. Às vezes trabalhamos mais em favor mas sem viver como pobres e com os pobres.

POBREZA COMO IMITAÇÃO DE CRISTO "SERVO"

44. A pobreza entendida como amor e solidariedade com os outros é a base de nosso ser franciscanos. Isso comporta: a contemplação de Cristo pobre e crucificado, a prática da abnegação e estar presente entre os "humildes".

Além da disponibilidade no amor, a pobreza consiste em conformar-se com Cristo, que veio para servir, e requer todo um estilo de vida: um modo de viver simples (na roupa, na alimentação, na moradia) e a renúncia a qualquer forma de poder social, político ou eclesiástico.

POBREZA COMO ABERTURA AO POVO

Para realizar tudo isso os frades têm que ser formados para viver e trabalhar pelo povo e no meio do povo, preferindo e promovendo as formas de apostolado - em fraternidade e fora da fraternidade - que correspondem melhor à nossa minoridade e pobreza.

Sendo homens de paz, formemo-nos e procuremos formar a consciência das pessoas para o senso da busca de justiça social; participemos também na obra de reformas sociais e políticas,

mas sempre no espírito do Evangelho e de acordo com as nossas Constituições, principalmente pela renúncia a qualquer forma de violência.

Nossas casas sejam abertas a uma hospitalidade que favoreça também a participação em nossa vida de oração, mas mantenham sua atmosfera de silêncio e um espaço reservado concreto.

MINORIDADE COMO INSEGURANÇA

A insegurança material também é sinal e realidade de pobreza e minoridade. Também a insegurança acarretada pelas iniciativas novas, proféticas (estudadas e desejadas certamente à luz de Deus) faz parte da nossa vida, segundo a inspiração de São Francisco, aceitando, como menores, o fisco da falência.

FORMAÇÃO PARA A POBREZA E A MINORIDADE

45. Durante a formação inicial pode ser útil para o jovem ter um contato real com o povo necessitado e pobre, para aprender mais concretamente a ser e a viver como pobre. E isso no espírito de São Francisco, que se colocou a serviço dos leprosos.

Mas sempre, para que tal experiência possa ser verdadeiramente eficaz e frutuosa, deverá ser "acompanhada".

É muito importante que todos os frades sejam concretamente educados para o sentido da responsabilidade no uso do dinheiro e das outras coisas segundo o critério preciso: o mínimo necessário, não o máximo permitido.

Por isso todos os frades devem evitar despesas que não são permitidas aos pobres.

Estabeleçam-se também critérios muito exigentes no uso dos meios de comunicação para uma finalidade apostólica e fraterna, excluindo qualquer outra finalidade, também para não impedir o recolhimento e a pureza de coração.

No interior da fraternidade, a formação para a pobreza e para a minoridade inclui a formação para um serviço generoso e voluntário principalmente nos trabalhos da casa, que as nossas Constituições lembram como parte da obediência caritativa que devemos uns aos outros.

4 - FRATERNIDADE INSERIDA NO MEIO DO POVO

A - INSERÇÃO NO POVO

CAMINHO A PERCORRER

46. A proximidade ao povo caracteriza nossa Ordem. O processo de renovação fez crescer a consciência e o desejo de recuperar nossa identidade e tradição também neste setor. Isso nos levou a redescobrir o rico conteúdo das formas tradicionais de presença no povo: missões populares, ministério da confissão... e a procurar novas formas significativas de inserção: mundo operário, marginalizados, pequenas fraternidades... Processo em que encontramos luzes e sombras. É certo que ainda temos que caminhar muito.

FORMA DE VIDA POPULAR

47. A economia da Encarnação e o exemplo de Jesus histórico serão sempre o paradigma da escolha franciscana diante do povo. Foi no seguimento de Cristo que Francisco conseguiu encarnar, como nenhum outro, a vida, os gestos, a linguagem do povo do seu tempo, passando para a história como "irmão universal".

O primado da vida fraterna leva-nos a viver, coma irmãos, como o povo e a trabalhar em seu seio pelo reino de Deus.

Por sua própria natureza, a fraternidade franciscana é aberta e levada à participação. Inserindo-se entre os homens não tanto como particulares mas como fraternidade, devemos viver no meio deles movidos apenas por um amor efetivo e por uma conversão sincera. Desse modo a nossa presença não será alienante e poderá permanecer crítica mesmo diante dos condicionamentos sociais, políticos e econômicos. Em nosso ser no meio do povo devemos colocar a seu serviço não só os nossos bens mas também. os nossos talentos; e não só os individuais mas também os que são próprios de nossa identidade como fraternidade franciscano-capuchinha.

FORMAÇÃO

48. O processo de inserção no povo deve respeitar sempre a legítima pluriformidade de. escolha tanto em nível de província como em nível de fraternidade de pessoas. As pequenas fraternidades são um dos meios para essa inserção, contanto que se observem as orientações de Quito, que a Províncias continuarão a encorajar.

A formação inicial deve ajudar o candidato a começar o processo de encarnação entre os homens, tomando como ponto de partida a identidade franciscano-capuchinha. Nesse sentido, é muito importante fazer o possível para não afastar o candidato do povo em que nasceu. Essa dimensão deve ser levada em conta também no que diz respeito à formação ministerial "ou profissional, sem dar por isso menor atenção a uma sólida formação franciscana, teológica e profissional dos frades.

A necessidade de um processo de encarnação vale também para a formação permanente. Também aqui são úteis as experiências de inserção como autêntica possibilidade de experiência de conversão, de renovação da vida e de vocação; e também como descoberta da necessidade de uma sólida e contínua preparação para servir melhor o povo na construção do reino de Deus.

B - TESTEMUNHO E SERVIÇO**NOVA SITUAÇÃO**

49. Nossa vocação franciscana abre-nos uma ampla riqueza de formas de vida e de atividade.

Historicamente, o trabalho apostólico e ministerial assumiu o primado. Isso deu origem a abundantes reflexões e muitos documentos neste setor. Enviamos a essa documentação. A recuperação de outras formas de vida e de trabalho provocou uma série de problemas a que

ainda não se deu resposta satisfatória. Por exemplo, como é possível conciliar aspectos da existência aparentemente contraditórios, como o trabalho manual e o ministerial, a atividade e a oração, o carisma pessoal e a vida fraterna. Estas considerações gostariam de ajudar a responder a essas interrogações.

Ainda que se entenda pela palavra "trabalho" qualquer atividade honesta dos frades e ainda que tudo o que se diz aqui possa ser aplicado também ao trabalho ministerial, nossa reflexão concentrou-se especialmente sobre o tema que hoje pede resposta mais urgente: a situação da Ordem diante das novas formas de presença e de trabalho.

ESCOLHA DE VIDA E DE ATIVIDADE

50. É preciso destacar O caráter "religioso" do trabalho (a "graça" de trabalhar). A atividade dos frades - apostólica, caritativa, intelectual, manual - é concebida como "lugar teológico" do encontro com de Cristo que trabalha na obra do Pai tanto em Nazaré como em sua vida de pregador e operador de milagres, como em sua oração na montanha, é transmitido a nós na forma de vida que Francisco nos deu. Este, pregador incansável do Evangelho o homem de oração, ou mesmo oração viva, trabalhava com suas mãos e desejava que todos os seus frades trabalhassem. Esteve sempre a serviço da Igreja junto com seus frades. Mas foi firme contra propostas de vida e de atividade que supunham a renúncia à forma de vida que lhe tinha sido revelada pelo Senhor.

O serviço principal dos frades menores é viver a vida evangélica neste mundo na verdade, na simplicidade e na alegria. Mas também é "um valor evangélico e franciscano desenvolver todos os nossos dons para participar na obra criadora do Pai, na redenção do Filho, na missão santificadora do Espírito.

Por conseguinte, a formação inicial deverá propor um processo concreto de aprendizagem que leve de fato a alegria de viver à própria vocação no equilíbrio pessoal e comunitário entre vida fraterna, oração e trabalho, entre estudo e trabalho manual, entre vida apostólica e preparação intelectual.

Esse equilíbrio deve partir da pessoa, procurando potenciar convenientemente os carismas de cada irmão, sempre de acordo com a nossa identidade franciscano-capuchinha.

TRABALHO E FORMAÇÃO

51. Os candidatos devem ter uma autêntica experiência de trabalho, entendido especialmente como serviço: antes de tudo no âmbito da fraternidade, depois como disponibilidade para com as outras pessoas.

A formação para o trabalho ajuda eficazmente a amadurecer a pessoa na real dimensão da fraternidade, intensifica a solidariedade, toma viva a comunhão e a participação e contribui notavelmente para aumentar a credibilidade de nossa vida.

É preciso educar para não confundir trabalho com ativismo, para não extinguir o espírito "a e oração" e de devoção, ao qual todas as outras coisas devem servir. A vida franciscana implica um verdadeiro trabalho, tanto físico como espiritual. E não só por motivos ascéticos, mas pela lei natural do trabalho: quem não quer trabalhar não coma.

Convém apresentar aos jovens o estudo e a reflexão como trabalho necessário e trabalho autêntico, porque a nossa formação mesmo insistindo no primado da vida vivida, deve dar aos

frades uma preparação específica e qualificada, também através de estudos especializados, para poder servir melhor a Igreja, os homens e próprias fraternidades. Esse é um aspecto muito importante, que não pode ser descuidado na formação permanente.

Podemos encontrar o meio para superar as muitas dificuldades e dicotomias na execução de tudo que nossa legislação diz sobre o discernimento dos trabalhos de toda a comunidade e de cada frade. A saber: o capítulo local verdadeiramente vivido, os capítulos provinciais, principalmente os "espirituais"; a reflexão sobre este problema nas Conferências dos Superiores... São esses os lugares em que se pode verdadeiramente tomar real a novidade de nossa Ordem tão rica em suas formas de vida, em sua presença no mundo, em sua atividade.

5 - MATURIDADE AFETIVA

IMPORTÂNCIA DA MATURIDADE AFETIVA E SEXUAL

52. A afetividade, como capacidade de ter sentimentos, de estabelecer relacionamento interpessoais e de amar, contribui de maneira especial para a integração das diversas dimensões do homem (relacionamentos sociais, trabalho, papel sexual) e é fundamental para o seu sadio desenvolvimento. Na pessoa madura o valor sexual é aceito e integrado. Para quem escolheu uma vida evangélica consagrada, maturidade quer dizer coerência, criatividade e construtividade pelo reino de Deus.

Na realidade a formação afetiva e sexual percorre o itinerário gradual da conversão do amor egoísta e possessivo (infantil), concentrado em si mesmo, para o amor altruísta e oblato, capaz de dar-se aos outros. Por isso é claro que o amadurecimento afetivo e sexual acompanha toda a vida do homem e do cristão, como uma conversão contínua.

AS MOTIVAÇÕES

A vida consagrada a Deus na castidade é um carisma que nem todos conseguem entender, é uma escolha pelo reino de Deus, e é um valor só nessa perspectiva. A nova família dos que renunciaram à própria para seguir Jesus com o coração indiviso e para servir-se uns aos outros como irmãos e amigos é um sinal profético de que o reino dos céus já está entre nós, e também um testemunho de fé na vida futura.

A AFETIVIDADE DE SÃO FRANCISCO

53. Uma das características de São Francisco é sua riqueza de sentimentos e de afetos e sua capacidade de expressá-los. Francisco, enamorado não só de Deus como qualquer outro santo, mas também por todos os homens e por todas as criaturas, é o irmão amigo de todos e de tudo. Com coração mais do que materno coloca-se "aos pés" de todos e de cada um, submisso a toda humana criatura por amor de Deus. Extremamente cortês e nobre, sensível a tudo que há de bom e de belo, quer seus irmãos alegres cantores da penitência-conversão, na paz e na fraternidade universal, e mesmo cósmica.

TAREFA DA FORMAÇÃO

54. Para ajudar os frades a alcançarem aquela maturidade afetiva que é um pressuposto indispensável para a integração pessoal dos valores, para a vida fraterna e para cumprir nosso serviço no mundo e na Igreja, a formação deve oferecer auxílios válidos nesse campo, valendo-se também da ajuda das ciências humanas.

Na formação inicial, a formação afetiva é tão importante quanto a intelectual. O formador deve ser consciente de que sua maneira de conhecer a problemática da formação afetiva, de interpretá-la, de tratá-la e de ajudar a resolvê-la depende em grande parte da vida psíquica, moral e religiosa das pessoas que lhe estão confiadas. Por isso precisa intervir com muito tacto nos problemas da vida evolutiva.

Também os frades em fase de formação permanente precisam de ajuda para superar a solidão, a inquietação e a aridez espiritual que muitas vezes se encontram na vida, e para sair enriquecidos e renovados das fases de transição que a própria vida comporta.

Os programas devem incluir também linhas de formação no que diz respeito ao amadurecimento afetivo e sexual.

Frades formados no assunto deveriam ter a possibilidade de ajudar os confrades a usufruir da ciência moderna em seu desenvolvimento psicosssexual e no amadurecimento emocional.

AUXÍLIOS PARA A FORMAÇÃO AFETIVA

55. A fraternidade poderia e deveria ser o lugar para o amadurecimento afetivo dos frades.

O ambiente da comunidade, quando é sereno, otimista, franco, livre, aberto ao diálogo e à aceitação dos outros, torna possível a cada um desenvolver normalmente sua afetividade e comunicar com espontaneidade as dificuldades afetivas. O compromisso fraterno exige de cada um renúncia e dedicação contínua, que dão oportunidade para amizades da vida afetiva. Por outro lado, a fraternidade estimula para uma maneira de trabalhar em solidariedade e corresponsabilidade e ensina uma adaptação flexível a personalidades e situações diferentes.

Assumir realmente o cuidado dos outros deve fazer parte de todo programa formativo. Os jovens serão orientados para uma atitude de respeito para com os mais velhos; e estes amarão os mais jovens como um dom que Deus lhes concede.

Os frades deveriam conhecer os membros da própria Província bem cedo no curso de sua formação, pela participação a reuniões de uma certa importância e visitando outras fraternidades quando houver oportunidade.

Os contactos sociais com todo tipo de pessoas, homens e mulheres, crianças, jovens e velhos, de condições sociais diferentes, facilitam não só uma vida normal mas também um desenvolvimento aberto e equilibrado da personalidade capaz de abrir-se para os outros.

A amizade, mesmo com pessoa de fora da Ordem, é um grande dom e oferece a possibilidade de crescimento humano e espiritual. Em virtude de nossa consagração e por respeito à vocação de quantos encontramos, é preciso evitar ligar demais os outros a nós mesmos, fazendo, ao contrário, o dom de nós mesmos. É essa a maneira de estabelecer uma amizade libertadora e não destrutiva para a fraternidade e as famílias.

Os contactos dos frades com as próprias famílias ajudam o crescimento afetivo. Mas precisamos lembrar que também a fraternidade é a nossa própria família.

ITINERÁRIO ESPIRITUAL

56. São Francisco apresenta um itinerário pedagógico para a formação do coração.

Ele procurava sempre formar o coração dos frades, isto é, o centro vital da pessoa. É no coração que o Espírito do Senhor deseja fazer in- habitar o Pai e o Filho, no lugar do espírito carnal e do amor próprio.

A formação consiste justamente em superar o amor próprio sob a santa inspiração do Espírito. O meio de formação mais eficaz para Francisco é fazer sentir, provar, experimentar a doçura, a alegria e a bondade do amor que é Deus. E faz de tudo para atrair seus frades a esse amor. E aos frades que não têm nada de "próprio" oferece em troca o amor de Deus e a caridade mais que materna dos irmãos.

Capítulo III° ORIENTAÇÕES PRÁTICAS

57. O íter formativo, ainda que articulado em diversas etapas, deve corresponder a uma profunda unidade. Como processo contínuo e aberto aos valores, a formação deve ser marcada por algumas características.

A formação deve ser considerada como um processo personalizado, no sentido em que precisa levar em conta as características, o carisma, as exigências e também o ritmo de crescimento de cada pessoa. Ao mesmo tempo, cada um deve também crescer como pessoa aberta.

A formação deve ser contínua. Só uma adequação contínua dos modos de viver, pensar, reagir, garante a capacidade de enfrentar as novas situações, os desafios e as esperanças. Daí a necessidade de os frades aprenderem a aprender.

O processo de formação deve ser orgânico e coerente, estabelecendo metas a serem atingidas. Essas metas permitem opções coerentes.

Todo crescimento tem que ser gradual. Assim a formação é um caminho cujas etapas precisam ser respeitadas. Não se deve fazer os jovens percorrerem duas vezes a mesma etapa, mas também é preciso ajudar quem envelhece a não parar. Os objetivos a atingir nas diversas etapas são ao mesmo tempo pontos de chegada e pontos de partida.

Para realizar esses objetivos de maneira adequada às diversas áreas culturais, as Províncias façam a sua "Ratio Formationis".

A formação em nossa vida e para nossa vida compreende três grandes fases: a orientação vocacional, a formação inicial e a formação permanente.

1 - ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL COMO SERVIÇO

58. A orientação vocacional é uma atividade pastoral que visa ajudar os jovens a descobrir o projeto de Deus para a sua vida, aprofundando com eles o compromisso batismal, promovendo o espírito apostólico e propondo o convite para seguir Jesus.

Como a pastoral vocacional é um serviço que se presta em vista do carisma de cada um e do bem da Igreja, deve ser respeitada e favorecida a orientação dos jovens para todas as vocações existentes na Igreja. Deve ser ajudada a Ordem Franciscana Secular, que partilha conosco o espírito de São Francisco e os movimentos espirituais dos jovens e deve haver uma colaboração com os órgãos de pastoral vocacional de cada Igreja local.

ORIGEM

59. A pastoral vocacional nasce da consciência que os frades têm de que vivem e podem oferecer um modelo de vida rico de conteúdo humano e evangélico, em que os aspirantes podem realizar plenamente a si mesmos e a prestar serviço à Igreja e à humanidade. Para

poder oferecer um modelo convincente desse tipo temos que pressupor a vontade de nos renovarmos continuamente. A pastoral das vocações não deve ser motivada pela vontade de sobreviver ou pelas exigências de manter determinadas estruturas, mas apenas pelo desejo de realizar o plano de Deus através do nosso carisma.

OS MEIOS

60. Entre os meios mais eficazes para ajudar quem está procurando um modelo de vida cristã, e religiosa convincente devemos recordar em primeiro lugar o testemunho coerente de nossa vida evangélica fraterna, acompanhada pela oração, absolutamente necessária segundo o ensino de Jesus para obter vocações para avinha do Senhor.

Entre os meios práticos revelou-se especialmente útil apresentar aos jovens a possibilidade concreta de tomar parte de alguma maneira em nossa vida, principalmente em seus atos comunitários, como a oração, a celebração eucarística, as refeições, as atividades. Talvez se possa fazer tudo isso em casas especialmente destinadas a essa finalidade, possibilitando um auxílio para a reflexão pessoal.

O uso dos meios de comunicação de massa pode servir para dar voz ao testemunho de vida evangélica, no meio de tantas vozes de propaganda, de movimentos e ideologias.

Outras formas, além dos seminários menores onde ainda existirem, podem ser os acampamentos para estudo ou trabalho, a peregrinação aos lugares franciscanos...

Também pode ser útil promover a atividade vocacional nos ambientes espiritualmente vizinhos a nós como a Juventude Franciscana, e nas paróquias confiadas a nós.

Poderá haver maior eficiência se houver alguns religiosos destinados à animação vocacional e que promovam e coordenem essa atividade, pela qual todos os frades devem interessar-se como sinal da fecundidade própria da vida franciscana.

2 - ETAPAS DA FORMAÇÃO INICIAL

DESCRIÇÃO

61. O termo "iniciação" implica o desapego progressivo de uma forma de vida com a assimilação de novos valores e a inserção em uma determinada sociedade. Neste processo da formação inicial para a nossa vida, os candidatos, sob a orientação de um mestre, adquirem os conhecimentos necessários e a necessária experiência, interiorizando assim a vida franciscana evangélica.

FASES

Como período de inserção em nossa fraternidade, a formação inicial compreende as seguintes etapas:

- o postulante, como período de busca e de opção;
- o noviciado, como período de interiorização e integração na fraternidade;
- o pós-noviciado, como tempo de amadurecimento e consolidação.

É preciso providenciar para que toda a formação inicial siga uma linha coerente e permita um desenvolvimento progressivo. Também é importante que não se faça um candidato passar a etapas ulteriores se não tiver alcançado a meta proposta para um determinado período.

O POSTULANTADO

DESCRIÇÃO E FINALIDADE

O postulante, como primeiro período da iniciação, é o tempo do discernimento e da escolha da vida franciscana. Durante esse período, o candidato, em estreito contacto com a fraternidade, fica conhecendo o nosso modo de viver. A fraternidade, por seu lado, conhece melhor o candidato para discernir e dar uma resposta responsável a seu pedido.

O postulante é o tempo em que o candidato descobre as razões mais profundas da própria vocação, conhece e experimenta nossa vida franciscano-capuchinha, separa-se de seu ambiente de vida e faz uma primeira experiência da fraternidade.

A atividade formadora no que diz respeito aos postulantes dirige-se principalmente para o aperfeiçoamento da catequese da fé; métodos de oração, principalmente com introdução à liturgia; instrução franciscana; uma primeira introdução ao trabalho apostólico. Procurar-se-á também verificar e promover seu amadurecimento humano, principalmente afetivo.

A atividade formadora deve concentrar-se na pessoa do candidato para corresponder a suas necessidades no plano intelectual, afetivo e espiritual. É importante orientar para outros caminhos quem não for apto para a nossa vida.

LUGAR E DURAÇÃO

63. Quanto ao lugar onde deve transcorrer o tempo do Postulante, há muita variedade nas províncias. De qualquer modo, o lugar deverá permitir um conhecimento bem realista da vida franciscana em uma determinada região. O candidato nunca deve ser levado para fora do seu contexto cultural.

Com o início do Postulante, o postulante é admitido na fraternidade como membro (Const. 23) e participa da vida fraterna.

A duração do Postulante, que varia de Província para Província, está condicionada ao amadurecimento humano e cristão do candidato e também às exigências do processo de iniciação, que pressupõe um certo grau de desprendimento da vida anterior e um certo grau de inserção na fraternidade. As modalidades devem ser estabelecidas nos planos de formação das Províncias.

O NOVICIADO

DESCRIÇÃO E FINALIDADE

64. O noviciado é o período de intensa iniciação para a vida evangélica franciscana e de experiência dessa vida, já escolhida anteriormente.

A finalidade do noviciado é motivar o noviço, por experiência direta, a aprofundar e interiorizar os valores e o espírito de nossa vida e de se integrar na fraternidade.

O Noviciado pressupõe uma escolha livre e madura da vida religiosa.

Para que o Noviciado seja realmente uma introdução e uma prática de nossa vida em seus aspectos e em suas exigências fundamentais, indicamos algumas finalidades desse período:

- introdução à vida segundo o Evangelho e os conselhos evangélicos, pois o Evangelho constitui o conteúdo e a regra de nossa vida;
- aprofundamento de nossa vida franciscano-capuchinha;
- vida de intensa oração (litúrgica, comunitária, pessoal, com tempos fortes de vida contemplativa);
- vida de caridade, fraternidade e trabalho;
- participação nos diversos modos de vida que a província pode oferecer;
- participação real na vida dos pobres, servindo, por exemplo, durante algum tempo, os deficientes ou outros necessitados.

O ritmo do Noviciado deve corresponder aos aspectos essenciais de nossa vida.

Dessas finalidades podem ser deduzidos também os critérios para uma avaliação do noviço e para um programa mais adequado a suas exigências.

SUBSÍDIOS

65. Os subsídios principais para o noviço são a Sagrada Escritura, a liturgia das Horas, os escritos de São Francisco e suas primeiras biografias e também os escritos de Santa Clara e dos primeiros capuchinhos.

Esses subsídios visam ajudar o noviço no itinerário que está perfazendo.

A FRATERNIDADE NO NOVICIADO

66. A fraternidade formadora do Noviciado tem a tarefa eminente de, principalmente através da vida prática, ajudar o noviço a integrar-se na fraternidade. Deve considerar o noviço como um dom de Deus, motivo de esperança e estímulo de renovação, aceitando-o como irmão e procurando promover o seu carisma pessoal em um contexto de fraternidade e de serviço.

O PÓS-NOVICIADO

DESCRIÇÃO

67. O pós-noviciado é o período de aprofundamento e de amadurecimento do compromisso assumido na primeira profissão e prepara os frades para a profissão solene como escolha definitiva da vida evangélica.

PROGRAMA E PRIORIDADES

68. Considerando o posto primário da vida evangélica fraterna em nossa vocação franciscana, é necessário que essa prioridade seja mantida também no período de pós-noviciado. Ao lado da prioridade dessa formação, é preciso cuidar também de sua unidade, garantindo-a a todos os frades sem distinção.

Os programas compreendem: o aprofundamento da Sagrada Escritura, a teologia espiritual, o franciscanismo, as diversas formas de trabalho, especialmente em casa. Para que a formação seja completa devem ser tomados em consideração também cursos de teologia e matérias afins por correspondência, etc. Certas formas de estudo intenso e de preparação profissional são dificilmente compatíveis com a prioridade que é preciso dar à formação, à vida evangélica.

ESPECIALIZAÇÕES

69. Quanto ao trabalho que deve ser feito nesse período ou as especializações que podem ser feitas, há duas orientações nas províncias.

Em algumas províncias o escopo principal do pós-noviciado é a continuação da formação religioso-franciscana com uma redução ao mínimo dos outros tipos de formação cultural, apostólica e profissional. Eventuais especializações (entre as quais o estudo em função do ministério sacerdotal), são previstas para depois da profissão solene.

Outras Províncias consideram o Pós-noviciado como um tempo em que a vida franciscana fraterna é vivida em um ambiente novo, isto é, em outra casa e em um outro contexto de vida, como o trabalho, o estudo, a aprendizagem de alguma profissão... Os programas de formação religioso-franciscana são prioritários e iguais para todos, mesmo que os candidatos não estejam todos na mesma casa. Ao lado do plano de formação para a vida evangélica aprofundada há planos para a formação cultural, etc. Seguindo esta impostação, a formação terá muito cuidado para levar os candidatos a uma solução vivida dos problemas que dizem respeito aos binômios oração-atividade, atividade-vida fraterna.

É desejável que se faça antes da profissão solene uma preparação intensa, também chamada de "segundo noviciado". A duração e os modos variam de acordo com as Províncias.

Para emitir a profissão solene o frade deve ter um conhecimento adequado, experiência de nossa vida e também a disponibilidade para uma contínua conversa e uma renovação contínua.

A profissão solene toma o frade membro da fraternidade com todos os direitos e deveres, de acordo com as Constituições.

3 - AFORMAÇÃO PERMANENTE**DESCRIÇÃO**

70. Para nós, a formação permanente é o processo de renovação que nos torna capazes de viver a nossa vocação de acordo com o Evangelho nas situações concretas e contingentes da vida quotidiana. Todo o documento está concebido em vista do desenvolvimento de nossa vida

humana, cristã e religiosa, isto é, em vista da formação permanente. Se falamos dela aqui, em uma secção especial, é para recalcar melhor sua importância e os meios para realizá-la.

NECESSIDADES E DIFICULDADES

A urgência da formação permanente, tão central em todo o mundo moderno, está sendo cada vez mais percebida em todo o âmbito da Ordem. Todos entendem sua necessidade para a realização plena do nosso carisma. De fato, mediante uma renovação pessoal e comunitária contínua e uma adaptação coerente das estruturas, ela favorece o crescimento no espírito do Evangelho e a eficácia do nosso testemunho. Além disso, consolida a vida fraterna, facilitando o diálogo entre as diversas gerações, e ajuda a superar os inevitáveis problemas e crises que surgem na idade madura.

Mas também não se pode deixar de notar uma certa resistência difusa um pouco por toda parte. Fundamenta-se às vezes no trabalho excessivo; mais frequentemente em uma concepção errada da própria formação permanente, vista como fuga e descompromisso; outras vezes ainda no temor subconsciente de colocar-se em discussão.

DIMENSÕES

71. Embora abranja de maneira unitária toda a pessoa, a formação permanente tem uma dupla dimensão: a conversão espiritual, mediante a volta contínua às fontes da vida cristã e ao espírito primigênio da Ordem para ser mais fiel a eles; e a atualização cultural e profissional mediante a adaptação, por assim dizer, "técnica" às condições dos tempos.

Essa dupla dimensão deve ser sempre vista com referências às diversas fases da vida humana.

A FORMAÇÃO PERMANENTE É UMA "MENS"

Mais do que em modos ou subsídios externos, concretos e estruturados - ainda que necessários - a formação permanente consiste na aquisição de uma "mens", de uma atitude espiritual, que nos toma conscientes de como a formação, isto é, o nosso compromisso de homens e de cristãos tanto no plano espiritual como no científico e profissional, nunca acaba, porque pode e deve ser continuamente aperfeiçoada.

Quem terminou o período da formação inicial não pode julgar-se em ordem pelo resto da vida. Mas é justamente durante a formação inicial que se adquire a autêntica "atitude formativa", ao compreender que a formação de base não é senão uma premissa certamente necessária - para a nossa contínua conversão, que dura a vida inteira. É essa, aliás, uma das mais importantes, conquistas do período de iniciação. A formação permanente, portanto, não se identifica nem se esgota na participação em alguns cursos de "atualização", porque é um processo vital contínuo.

A FORMAÇÃO PERMANENTE: DEVER E DIREITO

72. Não há nenhuma dúvida de que empenhar-se em realizar a própria formação permanente é, antes de tudo, dever pessoal de cada religioso. É um dever, mas também um direito, a que tudo o mais deve ser subordinado, uma vez que a formação permanente não é senão a realização contínua da nossa vocação.

Mas essa formação deve ser ao mesmo tempo sentida como um dever grave para com os frades por parte da província e de seus superiores. Toda província precisa estabelecer normas a esse respeito e encarregar-se de promoções que possam encorajar a renovação dos religiosos, criando um clima em que a formação permanente não só tenha possibilidade mas seja efetuada como fato normal.

DESTINATÁRIOS DA FORMAÇÃO PERMANENTE

Todos os frades são destinatários da formação permanente. Mas existem algumas categorias que devem ser objeto de atenção particular .

A saber: os irmãos anciãos, que poderiam sentir-se excluídos do ritmo da vida; os frades que, por diversos motivos, ainda não puderam ter a oportunidade de uma formação melhor tanto no plano religioso como no profissional; os missionários, muitas vezes excluídos dessas iniciativas por demasiado trabalho apostólico ou por falta de oportunidade; os irmãos que no passado nem sempre receberam formação suficiente.

FORMAÇÃO DOS FORMADORES

73. Um tema muito especial e de fundamental importância é o da formação dos formadores, os quais, mais do que quaisquer outros, têm o grave dever de renovar-se e atualizar-se; isto é, de aprofundar-se e viver cada vez melhor a própria vocação e de continuar na especialização que iniciaram.

Os superiores provinciais devem ser plenamente conscientes e responsáveis de tudo isso.

MEIOS E MODOS PARA A FORMAÇÃO PERMANENTE

74. Os modos da formação permanente podem ser os mais variados e dependem muito da iniciativa, da boa vontade e da dedicação tanto de cada um como dos superiores para encontrar o que é melhor e mais estimulante para as diversas áreas e nas mais variadas circunstâncias.

Para o crescimento e uma melhor realização do nosso projeto de vida evangélica concorrem não só as iniciativas extraordinárias mas especialmente os momentos da vida ordinária. Entre estes, devem ser tidos como meios privilegiados: a vida litúrgica intensamente vivida na Missa e na celebração das Horas segundo o ritmo do ano litúrgico; a reflexão comunitária sobre a palavra de Deus; a meditação e os períodos de silêncio; o Capítulo local; a revisão de vida; o diálogo e a correção fraterna; os encontros de fraternidade sobre diversos problemas mesmo de ordem cultural; o estudo pessoal, conduzido com método e perseverança, etc.

Todos esses são meios no âmbito da comunidade local, que é a verdadeira família em que se desenvolve a vida de todos os dias. Entre suas funções neste campo deve contar-se também a de encontrar espaços livres para a formação, principalmente para os frades que são excessivamente ocupados. Em cada fraternidade, o papel decisivo para a formação permanente cabe ao responsável local: ele é o verdadeiro animador e grande parte do sucesso ou do insucesso neste setor depende dele.

Existem também "meios extraordinários": iniciativas novas ou renovadas de formação permanente. Sem pretender ser completos, podemos lembrar:

- Por parte da Ordem; além da obra de animação do Ministro Geral e do seu Definitório, o

Secretariado Geral da formação tem que assumir o compromisso de indicar idéias e experiências, de informar, de fomentar o intercâmbio de pessoal, de sensibilizar: deve tornar-se um dos principais centros motores para a animação da Ordem. Também poderiam ser criados outros centros nas diversas áreas e utilizar melhor os que já existem (Instituto Histórico, Instituto de Espiritualidade)..

- Por parte da Província, que é a responsável direta pela formação em geral e pela formação permanente: além da ação do Ministro Provincial e de seu Definitório, deve assumir função especial o Secretariado para a Formação. Onde for possível é bom criar também um grupo especial para a formação permanente no qual, se possível, estejam representados os diversos setores de atividades da província De grande importância para a participação na vida e no caminhar da província demonstraram-se os Capítulos Especiais "abertos" ("Capítulos das Esteiras"), em que todos os frades podem participar.

- Podem ser sugeridas diversas outras iniciativas, como: a instituição de fraternidade de oração e de contemplação, de pequenas fraternidades e de fraternidades de estudo; o costume do ano sabático e do mês sacerdotal; os cursos intensivos de atualização, os seminários sobre a nossa espiritualidade; certos períodos de renovação intensiva, como semanas de animação, retiros, exercícios espirituais ... programados para todos os frades.

PLANOS DE FORMAÇÃO PERMANENTE

75. Como para a formação inicial também para a formação permanente será preciso elaborar um plano como instrumento de trabalho e de avaliação. Nesse plano, partindo da situação da fraternidade (local ou Provincial) estabelecem-se os objetivos a atingir, os responsáveis, o tempo e os passos concretos a dar.

O plano deverá ser orgânico, dinâmico e, quanto possível, completo. Orgânico no sentido de formar um conjunto coerente em si mesmo e coerente também com as etapas anteriores da formação; dinâmico no sentido de levar em conta o desenvolvimento da pessoa humana; completo, porque deve abranger as diversas dimensões da formação (intelectual, afetiva, prática...) dando prioridade à vida evangélica fraterna.

Ainda que a tarefa de elaborar tal plano seja competência das fraternidades locais ou provinciais, indicamos aqui um itinerário básico:

- Cada dia: meditação, celebração das Horas, Eucaristia, palavra de Deus, convivência fraterna;
- cada mês: capítulo local, retiro mensal, outros encontros;
- cada ano: ano litúrgico, exercícios espirituais, encontros de atualização, outros empreendimentos;
- ao menos cada dez anos (considerando as diversas fases da vida e os períodos de transição "crise da meia idade"); ano sabático, ciclos mais longos de oração, ciclos mais longos de atualização.

MOMENTOS PARTICULARES PARA A FORMAÇÃO PERMANENTE

76. Mesmo tendo que passar a vida inteira em formação permanente, podemos dizer que determinados períodos são especialmente indicados para um compromisso mais intenso e frutuoso.

Entre eles podemos lembrar: os primeiros anos depois da profissão solene e da ordenação

sacerdotal, para ajudar os jovens confrades a se inserirem na vida comunitária e no contexto provincial, e sócioeclesial; quando surgir alguma crise na vocação, para aprofundar e consolidar a própria vida religiosa; no caso de dificuldade para adaptar-se a novas situações de vida e de trabalho, etc.

4 - OS RESPONSÁVEIS PELA FORMAÇÃO

A SITUAÇÃO

77. Para garantir o compromisso da formação, a Ordem deve poder dispor de fatores realmente correspondentes às exigências específicas. do próprio carisma. Isso é tanto mais importante quando se percebe o risco de um certo nivelamento da vida religiosa (MR 11-12).

Uma visão geral da situação da Ordem demonstra que nem em todos os lugares foi aceito claramente o princípio de que todos os frades devem sentir-se fundamentalmente formadores dentro da fraternidade local, provincial e geral. Não é raro observarmos fraternidades em que o estilo de vida é incompatível com um trabalho sério de formação. Em alguns casos é a vida real da própria Província que contrasta com a visão de formação.

Mas também podemos ver elementos que nos dão uma esperança fundamentada.

Os superiores estão mais comprometidos com um ministério ad intra, que dá mais valor ao campo da formação; fundam-se novas fraternidades de acolhimento compostas por irmãos que sentem de maneira especial a responsabilidade de educar; o diálogo está aumentando e usa meios positivos no relacionamento formativo; os candidatos em geral são mais abertos e comprometidos com a formação.

A INICIATIVA DIVINA

78. O agente por excelência da formação é o Espírito Santo, presente e vivificante nos formadores e nos formandos. A iniciativa é dele; é Ele quem chama, inspira e consagra ao Pai em conformidade com a imagem do Filho. O candidato deve responder ajudando "sua santa operação" (Reg. Bul. 10), pelo acolhimento do Cristo Mestre, modelo de vida para cada um e para a fraternidade, e impulsionado pelo amor filial à Virgem Maria Mãe de Deus, "cuja vida é norma para todos" (PC 25). Neste aspecto temos que ressaltar a importância da oração e da direção espiritual que ajuda a escuta, o discernimento e o cumprimento da vontade de Deus na vida fraterna.

OS FORMANDOS

79. Quanto à correspondência, a formação exige a colaboração ativa dos formandos como principais artífices e responsáveis pelo próprio crescimento. Devem ser compreendidos, respeitados e amados com seus valores espirituais e culturais e mais ainda com suas peculiaridades únicas e irrepetíveis que marcam o primado da pessoa. Assim serão melhor ajudados no aperfeiçoamento de seu equilíbrio psíquico, em seu amadurecimento efetivo para Uma orientação mais consciente e convicta para a nossa vida em fraternidade. É óbvio que os candidatos devem possuir as qualidades e disposições indispensáveis para fazer parte de nossa ordem.

A FRATERNIDADE

80. Toda fraternidade é ela mesma na medida em que assume a consciência de ser formadora. Dentro dela, sintam-se todos, formandos e formadores, abertos para as realidades culturais, eclesiais e sociais, desvelando-se para alimentar o recolhimento religioso e o clima doméstico. No âmbito da vida fraterna, a oração deve ter o primeiro lugar, começando pela oração contemplativo-afetiva entendida como fonte de vida. Valorizem-se também as qualidades humanas dos irmãos, por exemplo: a autenticidade, o espírito de iniciativa e determinados momentos da vida em seu significado pessoal.

Nas fraternidades especificamente formadoras - principalmente a do Noviciado - qualquer outro compromisso seja subordinado e coordenado com o da formação, sob a orientação de um primeiro responsável. Deve haver reuniões frequentes da família para acertar os rumos da fraternidade, os programas e suas avaliações; principalmente para fazer a revisão de vida com franqueza e caridade construtiva. É muito importante saber acolher os irmãos como são, deixando de pensar demais em como deveriam ser. O sentido vivo do perdão cria um clima de alegria evangélica no coração da fraternidade.

As fraternidades que estão encarregadas da formação inicial devem ser constituídas com critérios de normalidade, de modo que os candidatos não se sintam imediatamente alienados da vida real. Isso não impede que devam ser um estímulo válido para as outras fraternidades.

A FRATERNIDADE PROVINCIAL

Para conseguirem assumir de fato esse papel primário, as fraternidades devem receber sua inspiração, estímulo e promoção da fraternidade primigênia: a Provincial. O grau de fidelidade, de convicção e de objetividade da fraternidade Provincial tem repercussões imediatas na segurança e na vitalidade de cada frade e na eficácia do trabalho pedagógico dos centros de formação.

Se uma província não tiver capacidade para estabelecer fraternidades formadoras autênticas, deve pensar seriamente se pode assumir a responsabilidade de receber novos candidatos.

OS SUPERIORES

Se é verdade que todos devem ser de alguma maneira formadores, continua a ser indispensável que alguns irmãos sejam escolhidos de modo mais responsável e qualificado, começando com o Ministro Provincial e os superiores locais. Eles é que são os animadores e coordenadores ordinários do processo de formação de todos os irmãos.

FORMADORES QUALIFICADOS

81. Tocamos assim o problema urgente dos formadores qualificados. Precisam distinguir-se por algumas qualidades possuídas com atitude aberta e dinâmica, isto é: levem uma vida de fé' autêntica; tenham uma forte esperança em Deus e no futuro do mundo, da Igreja e da Ordem; amem a vocação franciscana e estejam convencidos do valor da vida religiosa; sejam capazes de trabalhar em equipe, de animar a vida da fraternidade especialmente quanto à oração, o trabalho, os confrontos. Percebam a necessidade de uma atualização contínua e sejam ajudados a especializar-se em matérias psicopedagógicas ou de alguma maneira relacionadas

com a tarefa formadora. Acreditem intimamente em sua obra de formadores, sabendo alimentar-se de mãos cheias nos modelos que estão continuamente apresentando à história a fisionomia autêntica de nossa Ordem.

Por isso é óbvio que a exigência de formadores qualificados liga-se à outra ainda mais delicada de formar os próprios formadores. Esse foi um dos problemas mais sentidos pelo atual CPO.

COEFICIENTES DE FORMAÇÃO

82. Enfim, como coeficiente da nossa formação franciscano-capuchinha, damos especial importância ao dinamismo das igrejas locais, à família, aos valores autênticos da cultura e da religiosidade popular. Deve ser ressaltada a grande contribuição de todo o movimento franciscano, começando pelas irmãs de clausura e pela OFS, que partilham e promovem o espírito genuíno da Ordem primeira numa reciprocidade vital.

SECRETARIADOS E INTERCÂMBIOS

83. Devem ser estruturados cada vez melhor os secretariados, para fomentar e promover encontros amplos de estudo, de informação e de reflexão e intercâmbio de experiências nos diversos níveis: provinciais, interprovinciais, internacionais. Definitivamente, o método de formação se identifica com a fraternidade da Ordem.

Mas esta, se de um lado tem que se esforçar para superar as divisões raciais e nacionalistas, por outro deve cuidar de salvaguardar, e até de promover as riquezas étnicas e espirituais segundo os critérios de uma sábia aculturação.

É preciso determinar e articular as finalidades pedagógicas e os itinerários práticos didáticos de cada etapa da formação na visão de todo o processo educativo. O método do diálogo e o espírito de grupo, apoiando as linhas de ação dos formadores, obtenham inteligente amplitude na redação dos programas e na vivência da animação.

CONCLUSÃO

Essas são as reflexões e orientações que fizemos durante este IV CPO sobre a Formação do frade menor capuchinho. Substancialmente, não têm outra finalidade senão a de fazer-nos observar mais fiel e mais "espiritualmente" a Regra, isto é, o Evangelho, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade.

O texto que oferecemos é o resultado do trabalho dos membros do CPO mas, de alguma maneira, também é fruto de toda a Ordem, que colaborou durante toda a fase preparatória.

Da maneira como se apresenta, tem suas limitações. Antes de tudo porque não enfrenta todos os aspectos da formação, como foi notado desde o início. Depois, também por causa de suas limitações: nem sempre conseguimos chegar ao âmago dos problemas. Sua finalidade, em todo o caso, não é tanto a de ser perfeito, quanto impulsionar os irmãos a continuarem a reflexão. Por isso o texto deverá ser enriquecido e completado: o CPO deve constituir mais um começo que um fim.

É preciso "ir adiante", principalmente colocando em prática as orientações que damos aqui. Elas serão para nós uma ajuda eficaz para "seguir os passos de Cristo" como queria São Francisco. Tudo que fizemos e vamos fazer deve tender a introduzir-nos cada vez mais na intimidade do Cristo. É preciso "ir adiante" todos os dias, mesmo depois de eventuais demoras ou faltas, conservando sempre no coração a esperança, a coragem e a alegria.

Para observar o que prometemos com uma finalidade cada vez maior, deixemo-nos guiar pela Virgem Maria "serva do Senhor". Porque foi justamente para garantir a perseverança de seus frades na vocação que São Francisco confiou a Ordem Aquela que é chamada "Virgem fiel".

Sommario

IV° CONSELHO PLENÁRIO DA ORDEM A FORMAÇÃO PARA A NOSSA VIDA Roma, 1981	5
Apresentação	5
A FORMAÇÃO PARA A NOSSA VIDA	7
Capítulo I° SITUAÇÕES E EXIGÊNCIAS	8
1 - NOVOS CONTEXTOS DA FORMAÇÃO	8
2 - PRIMADO DA VIDA FRATERNA EVANGÉLICA	10
3 - ACULTURAÇÃO	13
4 - PRINCÍPIOS GERAIS DE AÇÃO	16
Capítulo II° ALGUNS ELEMENTOS ESPECÍFICOS	18
ALGUNS ELEMENTOS QUE CARACTERIZAM NOSSA VOCAÇÃO E FORMAÇÃO	18
1 - FRATERNIDADE ORANTE	19
2 - FRATERNIDADE PENITENTE	20
3 - FRATERNIDADE POBRE E MINORÍTICA	22
4 - FRATERNIDADE INSERIDA NO MEIO DO POVO	23
A - INSERÇÃO NO POVO	23
B - TESTEMUNHO E SERVIÇO	24
5 - MATURIDADE AFETIVA	26
Capítulo III° ORIENTAÇÕES PRÁTICAS	29
1 - ORIENTAÇÃO VOCACIONAL	29
2 - ETAPAS DA FORMAÇÃO INICIAL	30
O POSTULANTADO	31
O NOVICIADO	31
O PÓS-NOVICIADO	32
3 - AFORMAÇÃO PERMANENTE	33
4 - OS RESPONSÁVEIS PELA FORMAÇÃO	37
CONCLUSÃO	40



www.ofmcap.org